

Christine Enrègle

**DO JARDIM TROPICAL AO CARVÃO VEGETAL:
O DESENHO NA LINHA DAS METAMORFOSES II**

**DU JARDIN TROPICAL AU FUSAIN :
LE DESSIN AU FIL DE SES MÉTAMORPHOSES II**

Exposição de desenhos em duas partes
Programada no âmbito
da Temporada Portugal-França 2022

Exposição de desenhos em duas partes

Parte 1: Inauguração 17 junho, 17h

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Exposição 17 junho - 16 julho 2022

Rua Barata Salgueiro 36 - Lisboa
Segunda a Sexta-feira, das 12h às 19h
Sábado, das 14h às 19h

Do jardim tropical ao carvão vegetal: O desenho na linha das metamorfoses II (1/2) - Temporada Portugal-França 2022 (temporadaportugalfranca.pt)

Parte 2: Inauguração 7 julho, 17h

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

Exposição 8 - 31 julho 2022

Curadoria: Sofia Marçal

Rua da Escola Politécnica 56 - Lisboa
Terça-feira a Sábado, das 10h às 17h

Do jardim tropical ao carvão vegetal: O desenho na linha das metamorfoses II (2/2) - Temporada Portugal-França 2022 (temporadaportugalfranca.pt)

CONTACTOS:

Christine Enrègle, Artista Plástica

00 33 6 67 20 08 64

christine.enregle@hotmail.fr

www.christineenregle.com

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa

Matilde Sambado, Gabinete Comunicação e Imagem

00 351 213 138 510

gci@snba.pt

SAISON TEMPORADA
FRANCE PORTUGAL
PORTUGAL FRANÇA
2022



Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França / Événement organisé dans le cadre de la Saison France-Portugal



SUMÁRIO

Sinopse da exposição <i>Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses II</i>	p.4
Catálogos das exposições 2020 e 2022	p.5
Texto de apresentação de Ana Luísa Soares, Coordenadora do Jardim Botânico da Ajuda, e Elsa Breia, Técnica Superior, Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa	p.7
Texto de apresentação de Sofia Marçal, Curadora, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa: <i>A árvore que fascina, inspira e abraça</i>	p.9
Texto de apresentação de Christine Enrègle, Artista Plástica	p.12
Breve biografia de Christine Enrègle, Artista Plástica	p.17
<i>Curriculum Vitae</i> (extrato)	p.19



Retrato de Christine Enrègle, outubro 2021 © Ana Maria Pessanha

Sinopse da exposição

Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses II

A artista plástica Christine Enrègle apresenta duas séries de desenhos a carvão sobre tela de algodão (cerca de 150 x 80 cm cada um), realizadas no âmbito de residências artísticas em Lisboa em 2021, a partir das *Ficus macrophylla* do Jardim Botânico da Ajuda e do Jardim Botânico de Lisboa.

A exposição inscreve-se no âmbito da Temporada Portugal-França 2022.

Divide-se por dois espaços. Assim, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes são mostrados de 17 junho a 16 julho os desenhos realizados no Jardim Botânico da Ajuda e, de 8 a 31 julho, na Sala Azul do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, os realizados no Jardim Botânico de Lisboa.

Estas séries de desenhos inscrevem-se no prolongamento da série anterior realizada a partir das *Ficus macrophylla* do Jardim da Estrela e da Praça do Príncipe Real, apresentada em julho 2020 na exposição *Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses*, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa.

Estas séries são pensadas como sequências de imagens que entram em ressonância com o movimento perpétuo da metamorfose do ser vivo, do vegetal em particular. A nossa intenção é pôr em evidência a diversidade das formas vegetais geradas pelo crescimento da árvore, e sublinhar o seu carácter orgânico. Estes desenhos são *vivididos* como o resultado (o “precipitado”) do *encontro* entre o vegetal e o humano, que estas formas orgânicas revelam.

Assim, numa altura em que a noção de *antropoceno* é recorrente, privilegiamos a *reciprocidade* entre os seres vivos, destacada por Emanuele Coccia que sublinha o papel de cada um (vegetal, animal, humano...) na transformação do nosso ambiente.

Links da Temporada Portugal-França 2022:

<https://temporadaportugalfranca.pt/evenement/do-jardim-tropical-ao-carvao-vegetal-o-desenho-na-linha-das-metamorfoses-ii/>

<https://temporadaportugalfranca.pt/evenement/do-jardim-tropical-ao-carvao-vegetal-o-desenho-na-linha-das-metamorfoses-ii-2-2/>

Catálogos das exposições 2020 e 2022

VOLUME 1

Catálogo bilingue da exposição individual 2020
40 páginas, 180 x 250 mm

Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses I
Du jardin tropical au fusain : le dessin au fil de ses métamorphoses I

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal
Textos: Christine Enrègle / Fernando Augusto
Com o apoio do Institut français du Portugal

VOLUME 2

Catálogo bilingue da exposição individual 2022
92 páginas, 180 x 250 mm

Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses II
Du jardin tropical au fusain : le dessin au fil de ses métamorphoses II

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal
Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa, Portugal
Textos: Christine Enrègle / Sofia Marçal / Ana Luísa Soares / Elsa Breia
Com o apoio da Temporada Portugal-França 2022

Vendidos juntos 16 euros

No website www.christineenregle.com e em livraria.

Em Lisboa:

Sociedade Nacional de Belas Artes
Livraria Ferin
Livraria Snob na Brotéria

Em Paris:

Librairie du Centre Georges Pompidou, RMN (Réunion des Musées Nationaux)
Librairie Portugaise et Brésilienne / Chandeigne
Librairie Les Immortels
Librairie de la Galerie du Jour, Agnès B
Abbey Bookshop

Catálogos apresentados pela Livraria do Louvre, RMN (Réunion des Musées Nationaux) no Salão do desenho, Palacio Brongniart, em Paris, de 18 a 23 maio 2022.



Fotografia da *Ficus macrophylla* do Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa, maio 2021. © Christine Enrâgle / ADAGP

Texto de apresentação de Ana Luísa Soares e Elsa Breia, Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa

Um jardim botânico duas tem como principal missão albergar uma coleção botânica bem como um papel relevante na conservação de espécies.

É um espaço dedicado à investigação, educação e lazer, que desperta para a Natureza através da beleza, do património paisagístico, da história natural, ou, numa palavra, para a Arte.

Receber uma residência artística num jardim botânico é a ligação perfeita onde a ciência se alia à arte, promovendo o desenvolvimento artístico.

O Jardim Botânico da Ajuda com mais de 250 anos de existência caracteriza-se pelo seu legado arbóreo singular onde se inclui dois exemplares emblemáticos de *Ficus macrophylla*, tendo sido um destes o escolhido para este desenvolvimento artístico.

O desafio lançado pela Christine Enrègle veio dar vida a este património natural. Através da sua abordagem artística direcionada para olhar a paisagem como matéria exposta nas suas instalações, se reafirma a natureza como arte.

Ana Luísa Soares _____
Professora Auxiliar - Arquitecta Paisagista,
Coordenadora do Jardim Botânico da Ajuda,
Lisboa

Elsa Breia _____
Técnica Superior, Jardim Botânico da Ajuda,
Lisboa



Fotografia da *Ficus macrophylla* do Jardim Botânico de Lisboa, setembro 2021. © Christine Enrègle / ADAGP

Texto de apresentação de Sofia Marçal, Curadora
Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Universidade de Lisboa

A árvore que fascina, inspira e abraça

O Museu Nacional de História Natural e da Ciência está a desenvolver um programa de residências artísticas no qual os artistas podem trabalhar com as coleções científicas do museu e com os seus curadores. Neste contexto a artista plástica Christine Enrègle realiza a exposição, *Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses*. Série de trabalhos desenhados a carvão vegetal realizados durante a residência da artista no museu, do 9 de setembro ao 29 de outubro 2021.

A árvore *Ficus macrophylla roxburghii* inspirou a Christine para realizar os seus desenhos. “A figueira-estranguladora, originária da Austrália, pode germinar sobre árvores hospedeiras, estrangulando-as à medida que as suas raízes aéreas crescem e se estabelecem no solo, formando troncos secundários que rodeiam o tronco grosso e compacto. A árvore é muito exigente em água e tem uma elevada taxa de crescimento, podendo atingir mais de 60 m de altura. As folhas são grandes, espessas, de um verde-escuro brilhante. Como qualquer figueira, estabelece mutualismo obrigatório com uma espécie de vespa que garante a polinização, não existindo produção de figos férteis na sua ausência.”¹ A intenção da artista é atingir o princípio da sua criação com a apropriação da imagem da árvore materializada no desenho.

O tema é um pretexto para aprofundar a criatividade e a sensibilidade de Christine, é um caminho para chegar à composição final. A árvore é o símbolo mais presente que existe em todas as civilizações e que já inspirou muitos artistas. Esta árvore a *figueira-estranguladora*, está sujeita a várias interpretações e cria proximidade com as pessoas, as suas raízes orgânicas estimulam o nosso imaginário. “Como se arrancasse das profundezas da terra as nodosas raízes de árvore descomunal, é assim que te escrevo, e essas raízes como se fossem poderosos tentáculos como volumosos corpos nus de fortes mulheres envolvidas em serpentes e em carnis desejos de realização, e tudo isso é uma prece de missa negra, e um pedido rastejante de amém: porque aquilo que é ruim está desprotegido e precisa da anuência de Deus: eis a criação.”² A artista situa estes desenhos no território da possibilidade da mediação entre o céu e a terra, a verticalidade da árvore proporciona essa relação.

¹ Ireneia Melo e Raquel Barata botânicas do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

² Clarice Lispector, *Água Viva*, p. 10.

Os desenhos, assim com esta árvore específica, têm características antropomórficas, a dimensão dos trabalhos é muito importante para criar visualmente essa leitura e nos remeter para uma perspectiva onírica. Citando a artista, “passo muito tempo a olhar a árvore, em dois dias tirei 500 fotografias, preciso desse tempo de meditação para absorver. Sou sensível ao jogo da luz e da maneira como esta incide na árvore e as sombras que cria.” Estes trabalhos são desenhados directamente na tela, a artista não faz esboços. Desenha a partir da visualização directa da árvore e de fotografias que vai tirando ao longo do seu processo de trabalho.

Christine gosta de observar a árvore através de diversos pontos de vista e assim, pouco a pouco, vai descobrindo as suas várias formas e só depois desta contemplação é que a vai fotografar. “Na obra, o artista não se protege somente do mundo, mas da exigência que o atrai para fora do mundo. A obra doma e submete momentaneamente esse ‘lado de fora’, restituindo-lhe uma intimidade, ela impõe silêncio, confere uma intimidade de silêncio a esse lado de fora sem intimidade e sem repouso que é a fala da experiência original.”³ A fotografia é um grande auxiliar para a construção destes desenhos, continuando a citar a artista, “o início é sempre a observação, faço fotografias sobre as quais vou trabalhar durante a residência e nunca utilizo fotografias antigas, são sempre fotografias novas.”

Para Christine esta árvore tem formas orgânicas femininas e masculinas, esta mutação é muito interessante na construção do seu trabalho. Consegue visualizar muitas coisas e fazer variadas interpretações e nós como observadores também potencializamos outras interpretações.

Christine não tem uma ideia precisa do que vai desenhar quando inicia o seu processo criativo. Sente as coisas, a energia e a sua aptidão artística passam através do seu corpo que as vai interpretar e a partir dos gestos, do carvão as desenha. É um trabalho com o corpo inteiro e pouco a pouco o desenho toma consistência e a artista consciência. Por vezes volta para junto da árvore para ver melhor algum pormenor que lhe tenha escapado e sentir mais uma vez a energia da *Ficus macrophylla roxburghii*.

A árvore, a artista e o público, esta tríada constitui-se e materializa-se nos desenhos e na exposição da Christine.

“- Ao desejo o prazer alguma força cresce.
Desejo, árvore à qual o gozo é adubo certo,
E enquanto a casca engrossa e aos poucos enrijece,
Teus ramos querem ver o sol ainda mais perto!”⁴

Sofia Marçal _____
Museóloga - Curadora,
Museu Nacional de História Natural
e da Ciência, Universidade de Lisboa

³ Maurice Blanchot, *O espaço literário*, p. 49-50.

⁴ Charles Baudelaire, *A Viagem IV*, in *As Flores do mal*, p. 636.



Texto de apresentação de Christine Enrègle, Artista Plástica

O Jardim Botânico da Ajuda, fundado em 1768, quatro anos antes do de Coimbra, é o primeiro Jardim Botânico de Portugal. Foi desenhado pelo arquiteto paisagista italiano Domingos Vandelli, originário de Pádua, próximo de Carl Lineu e ajudado pelo jardineiro Júlio Mattiazi. Construído perto do novo Palácio Real da Ajuda, edificado após o terramoto de 1755, este jardim, associado a um Museu de História Natural e a um Gabinete de Física, dedicou-se primeiramente à educação dos príncipes. No final do século XVIII, contava cerca de 5 000 espécies.

A invasão francesa de 1808 compromete os projectos de desenvolvimento das coleções parcialmente saqueadas. No exílio no Brasil, o rei Dom João VI funda o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no local de uma antiga fazenda. Primeiro como jardim de aclimação de plantas, algumas das quais importadas das Caraíbas (como a moscadeira, a pimenteira e a caneleira do Ceilão), ele abre ao público em 1822. Actualmente, existem nele cerca de 6 500 espécies.

Com o regresso do rei do exílio em 1821, o Jardim da Ajuda encontra do novo o seu esplendor. Confiado em 1837 à Academia das Ciências de Lisboa, é incorporado na Escola Politécnica de Lisboa em 1839. Em meados do século XIX, o botânico austríaco Friedrich Welwitsch enriquece consideravelmente as suas coleções. Em 1910, o jardim é integrado no Instituto Superior de Agronomia ao mesmo tempo que abre ao público. Reúne hoje mais de 1640 plantas do mundo inteiro.

A criação do Jardim Botânico de Lisboa está ligada à instalação, em 1837, da Escola Politécnica no antigo Colégio jesuíta de Cotovia (1609-1759), no Monte Olivete: tem por objectivo o estudo da botânica e a conservação de espécies, algumas das quais se encontram actualmente ameaçadas.

O Jardim Botânico de Ajuda e o Museu Real adjacente estavam, nessa época, ligados à Escola Politécnica. As plantações só começam em 1873, sob a direção de Francisco de Melo Breyner, com o «arquiteto paisagista» alemão Edmond Goëze: pequenas árvores e arbustos são transplantados do Jardim da Ajuda. O jardim também beneficia de doações e intercâmbios com particulares e outros jardins botânicos. Se Edmond Goëze desenvolve sobretudo a parte superior do jardim, a parte inferior, até então ocupada por culturas agrícolas, é organizada pelo «arquiteto paisagista» Jules Daveau, recomendado pelo diretor do Jardim das Plantas, de Paris, em 1876. O jardim atinge então as suas dimensões actuais: está aberto ao público em 1878. A diversidade das plantas provenientes dos quatro cantos do mundo e, em particular, dos territórios sob soberania portuguesa põe em evidência o poder colonial do país.

Jules Daveau é substituído em 1892 por Henri Cayeux. Formado pela Ecole nationale d'Horticulture de Versailles, cria novas culturas de plantas ornamentais. É por sua vez substituído até 1921 por Henri Navel, graduado na mesma escola, e é sob a direção de Rui Teles Palhinha que o jardim beneficia de uma última intervenção de poda com a construção do herbário e a remodelação do terreno circundante. O jardim conta hoje entre 1 300 e 1 500 espécies diferentes, provenientes principalmente da Nova Zelândia, Austrália, China, Japão e América do Sul.

Estes dois jardins botânicos fundados em épocas e contextos diferentes, se inscrevem na história de Portugal, da qual reflectem o passado colonial e as ambições científicas. A nossa abordagem tenta pôr em evidência a extraordinária beleza do vegetal e a fascinação que ele pode exercer sobre cada um de nós, reactivando recordações de infância alimentadas por contos e lendas nos quais o vegetal participa do maravilhoso. O que guardamos desta história são as trocas que resultam dela, cujo jardim seria a matriz viva, evoluindo em função da natureza - mutável - dessas trocas.

O “outro lugar” (geográfico e temporal) para onde nos leva o jardim, num “aqui e agora”, constitui para nós um lugar propício ao emergir de imagens enterradas, relativas às recordações de infância, mas também a uma memória que não nos pertence em si e cujo sonho carregaria o rasto. Os desenhos participam nesses intercâmbios dos quais constituem os interstícios, os intervalos de tempo e de espaço, as pausas e os espaços em branco, que são tantas as interfaces entre “o aqui e o outro”, entre a realidade e o sonho do qual carregam a marca. São também a expressão de um desejo, o de voltar à fonte do sonho: deste modo, eles acompanham o movimento infinito desse desejo.

Feitos sobre tela de algodão, estes desenhos a carvão são também constituídos por matérias vegetais (algodão tecido, madeira calcinada) modificados pelo ser humano. A estas trocas de outra natureza - industrial - substituem-se as trocas de carácter táctil, que envolvam o «corpo do artista no trabalho» numa espécie de luta com a matéria a fim de a transformar e reactivar a memória enterrada do vegetal que ela contém, sua *natura naturans*, natura que está “a fazer-se”.

Pendurar estes desenhos nas paredes do espaço da exposição, sem os fixar em molduras, permite que reajam às deslocações do espectador (as telas levantam-se com a deslocação de ar provocada pelos seus movimentos): deste modo, ele também participa fisicamente nessas trocas, através de uma espécie de «toque à distância», pelo ar que circula, impalpável mas sensível ao toque. Deixadas soltas, estas telas assemelham-se mais a um tecido susceptível de envolver os corpos que atravessam o espaço da exposição. Marcadas por auréolas formadas pela água de que são impregnadas no ateliê, estas telas também carregam o traço da passagem do carvão cuja matéria é parcialmente absorvida pelo suporte. Assim, estes desenhos aparecem como o resíduo de um processo do qual carregam a marca. A tela, receptáculo dos nossos gestos, matriz do nosso corpo que ela envolve através de um jogo de trocas tácteis, carrega em negativo a memória do “corpo do artista” que se ausenta e, ao fazê-lo, oferece ao espectador uma imagem em duplicado, em espelho, do próprio corpo dele.

Sobre o espelho nas Meninas de Vélásquez, Catherine Perret escreve:

“(…) este dispositivo em espelho que, no entanto, não “funciona” como um espelho, porque em vez de repetir e centrar a figura, ele divide-a, move-a, transfere-a em tantas instâncias como em imagens: faz sair duplos fantásticos, protótipos de humanidade, estas imagens anónimas de nós mesmos que nos precedem e nos dão figura.”

Catherine Perret, *Les porteurs d'ombres, Mimesis et modernité*, Paris, Belin, 2001, p. 74.

Se o nosso interesse se centra mais especificamente na *Ficus macrophylla*, originária da costa oriental da Austrália, é porque ela já nos tinha chamado a atenção no Brasil. Ela pode impressionar pelas suas dimensões e formas, podendo suscitar igualmente uma certa atracção e deixar espaço para várias interpretações.

O processo de crescimento desta árvore é particularmente notável. Com efeito, as suas raízes aéreas transformam-se em troncos quando atingem o chão. A partir destes troncos, novos ramos se desdobram. Tipo de árvore-floresta, cada indivíduo é composto por seres múltiplos que acabam por se juntar e se misturar, gerando formas de elevado carácter orgânico. Assim, se estas formas se expandem de dentro para fora, parecem também proceder a uma espécie de retorno sobre si mesmas, num movimento duplo e contínuo, que revela tanto quanto esconde e contém um potencial de crescimento gerador de formas que variam indefinidamente.

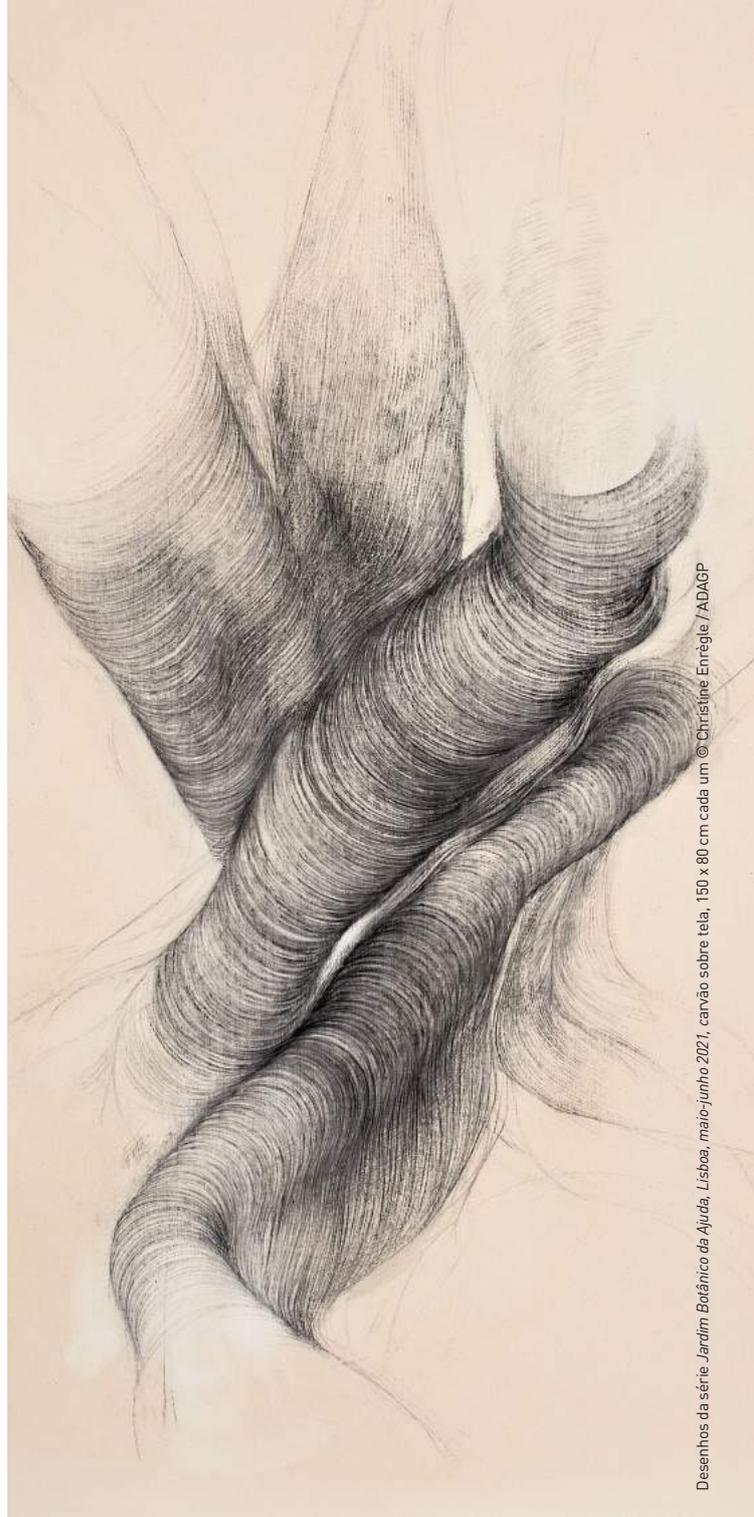
Este ser múltiplo, em perpétua transformação, deixa-se apreender num estado transitório, que leva a marca do que foi e do que vem, moldado pelo seu ambiente que modela por sua vez, numa relação de troca táctil na qual esses desenhos participam.

A sua sombra faz dele um lugar propício ao descanso, ao sono e sonho.

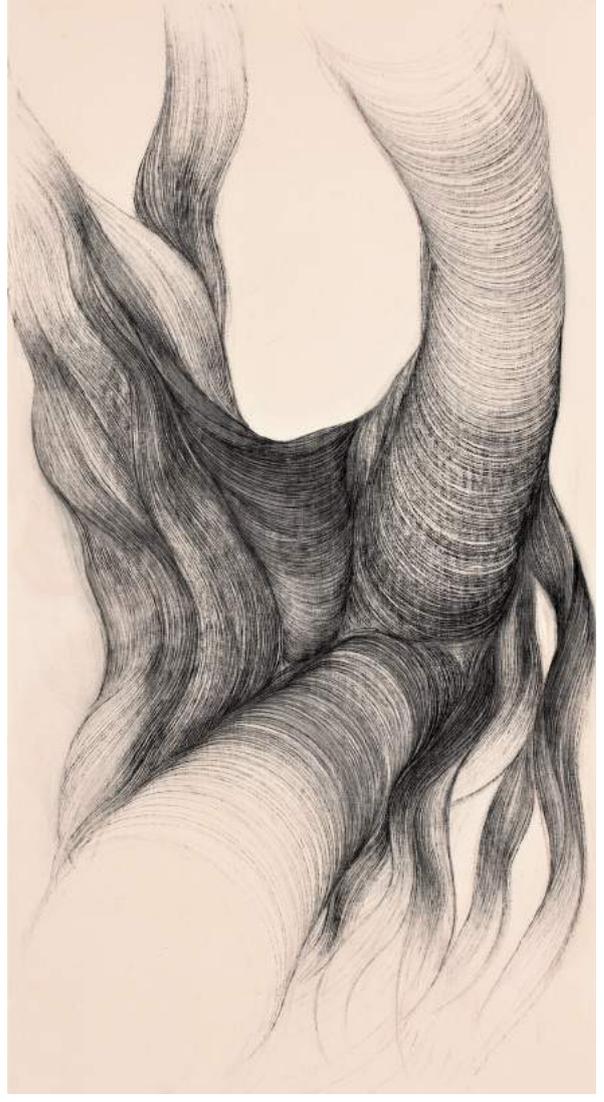
Nele, o nosso imaginário está enraizado, estendido para um futuro, incerto e vivo.

Christine Enrègle
Artista Plástica





Desenhos da série Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa, maio-junho 2021, carvão sobre tela, 150 x 80 cm cada um ©Christine Enrêgle /ADAGP



Breve biografia

A artista plástica Christine Enrègle nasceu em 1973 em França.

Doutora em Artes Visuais pela Universidade Paris 1, Panthéon-Sorbonne desde 2008, é professora de Artes Visuais na Escola superior de Design, Condé-Paris.

Durante o doutoramento, recebeu bolsas universitárias para estudar no Brasil, na Escola de Belas artes de Belo Horizonte (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG).

Ela foi a primeira artista plástica em residência no Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 2004, onde apresentou instalações *in situ* numa exposição individual no mesmo jardim.

Desde 2017, participa em várias residências artísticas em França e no estrangeiro, em particular em Lisboa, onde apresentou em julho 2020 desenhos numa exposição individual na Sociedade Nacional de Belas-Artes e onde recebeu a Menção honrosa no *Salão dos sócios 2020*, no âmbito do programa “Lisboa Capital Verde Europeia”.

Participou também em várias exposições individuais e coletivas em França, Portugal, Brasil, China e Coreia do Sul onde recebeu em 2017 o Primeiro prémio na exposição internacional organizada em Seul pelo Korean Society of Color Studies.

A sua abordagem artística é orientada para a prática da paisagem considerada como material, cujos elementos recolhidos, deslocados e transformados, constituem a matriz das suas instalações.

Desde 2017, privilegia o desenho a carvão sobre tela e interessa-se pela metamorfose das plantas, especialmente pelo crescimento da árvore cujo carácter orgânico sublinha.

Os seus desenhos são *vividos* como o resultado (o “precipitado”) do *encontro* entre o vegetal e o humano, que estas formas orgânicas revelam.

Eles questionam o lugar dado ao vegetal nas nossas sociedades ocidentais e o modo de relação que mantemos com ele.

www.christineenregle.com



Christine Enrègle, Visual Artist

PhD in Visual Arts from University Paris 1, Panthéon-Sorbonne
Professor of Visual Arts and General Art History
Member of the Nacional Society of Fine Arts, Lisbon, Portugal
Member of ADAGP

EDUCATION

PhD in Visual arts, University Paris 1, Panthéon-Sorbonne
Mention: Very Honorable ("Very Good") 2000-08

FELLOWSHIPS

Programme officer at the Rio de Janeiro Botanical Gardens (July-August), Brazil
From the PhD school in Visual Arts, University Paris 1 2004

Fellowship from the International Relations department, University Paris 1
For the school of Fine Arts (Master's), UFMG, Belo Horizonte, Brazil 2002-03

AWARDS

Honorable Mention, *Salão dos sócios 2020*, "Lisboa Capital Verde Europeia"
National Society of Fine Arts (SNBA), Lisbon, Portugal 2020

Best Color Work Award, International Exhibition Natural color
KSCS, Korean Society of Color Studies, Seoul, South Korea 2017

ARTISTIC RESIDENCIES

Hangar, Centre of Artistic Research, Lisboa, Portugal
Sponsored by the Institut français du Portugal 2018-22

National Museum of Natural History and Science, Lisboa, Portugal
Ajuda Botanical Gardens, Lisbon, Portugal
Sponsored by the Institut français du Portugal 2021

Maisons Daura, Saint-Cirq-Lapopie, MAGCP, Lot, France 2019

Cill Rialaig Project, International Program of Artistic Residency,
Ballinskelligs, Co. Kerry, Ireland 2017

First artist in residency in Rio de Janeiro Botanical Gardens, Brazil 2004

Lagoa do Nado Park, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil 2003

INDIVIDUAL EXHIBITIONS

Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses II 2022
From the tropical gardens to the charcoal: Drawing through its metamorphoses II

National Society of Fine Arts (SNBA), Lisbon, Portugal
National Museum of Natural History and Science, Lisbon, Portugal
Sponsored by the France-Portugal Season 2022

Do jardim tropical ao carvão vegetal: o desenho na linha das metamorfoses I 2020
From the tropical gardens to the charcoal: Drawing through its metamorphoses I

National Society of Fine Arts (SNBA), Lisbon, Portugal
Sponsored by the Institut français du Portugal

De la poésie de Marie Noël à Lisbonne, cheminements 2020
From The Poetry of Marie Noël to Lisbon, a journey

Maison Jules-Roy, Vézelay, Burgundy, France
Sponsored by the Conseil départemental de l'Yonne

O jardim das colheitas / The Garden of Harvest – In situ installations 2004

Rio de Janeiro Botanical Gardens, Brazil
Sponsored by the Consulat général de France de Rio de Janeiro

Sem Palavra / Without Word – In situ installations 2003

Belo Horizonte Cultural Centre, Minas Gerais State, Brazil

Na dobra das árvores / In the Fold of Trees – In situ installations 2003

Lagoa do Nado Park Gallery, Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil

GROUP EXHIBITIONS

KSDS, Korean Society of Design Science, Seoul, South Korea 2017-22
KSCS, Korean Society of Color Studies, Seoul, South Korea

Salão dos sócios 2021 / Art Fair for members of the Society 2021 2021

National Society of Fine Arts (SNBA), Lisbon, Portugal

Salão dos sócios 2020 / Art Fair for members of the Society 2020 2020

“Lisboa Capital Verde Europeia” / “Lisbon European Green Capital”
National Society of Fine Arts (SNBA), Lisbon, Portugal

Desenho: A linha difusa / Drawing: The Diffuse Line 2018-19

Museo de Arte da UFPR, MusA, Curitiba, Paraná State, Brazil
Casa Porto das Artes Plásticas, Vitória, Espírito Santo State, Brazil

Eszmélet / Awakening, exhibition on the Hungarian poet Attila Jozsef, 2005
UNESCO, Paris, France

AFEDAP, SEMA Gallery, Viaduc des arts, Paris, France 2005

Travessia em suspenso / Suspended Crossing – In situ installations 2003

Gallery of the school of Fine Arts, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil
Sponsored by the Consulat général de France de Rio de Janeiro
and the Consulat honoraire de France de Belo Horizonte

Escultura de luz / Light Sculpture – Installation 2003

Natural History Museum, Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil